

# A FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fabio Noda Hasegawa<sup>1</sup>

## RESUMO:

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar através de conceitos pedagógicos e antropológicos a questão da utilização da fotografia na prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. A discussão em torno deste tema foi feita a luz das propostas pedagógicas de Paulo Freire, com a introdução da fotografia como um material documental, retirado das próprias relações sociais do educando. Neste sentido, se propõe uma discussão do uso da fotografia como uma maneira de olhar de fora a própria realidade, podendo auxiliar tanto educadores como os educandos da EJA no entendimento da realidade social, sendo parte dela, interagindo e modificando-a.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia. EJA. Antropologia visual

Um dos objetivos deste trabalho é analisar, através de conceitos pedagógicos e antropológicos, a questão da utilização da fotografia como prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. Para isso, foi utilizada uma variada bibliografia - apesar de o tema ser pouco discutido - que percorreu os campos da pedagogia, antropologia e também da fotografia.

Não foi intenção deste trabalho estabelecer métodos e critérios para a utilização da fotografia dentro da sala de aula da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Assim, neste estudo, o objetivo foi justamente questionar a utilização desta tecnologia, muito presente no cotidiano, como forma de estabelecer uma construção de uma identidade social e reflexão da realidade. Tudo isso com a finalidade de uma transformação da realidade, inserida nas propostas utilizadas pelo educador Paulo Freire, em seu Método Pedagógico de alfabetização de Jovens e Adultos.

O EJA comporta um contingente de pessoas, em sua maioria, que possuem precariamente o domínio da leitura e escrita. São jovens e adultos, um grupo homogêneo socioeconomicamente falando, que não concluíram as oito séries de escolaridade obrigatória.

No aspecto sociocultural, são heterogêneos, trazendo uma bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo das histórias de vidas bastante diversas, mas que, apesar de todos estes problemas, vivem e compartilham o mundo moderno, inclusive possuindo um vasto registro fotográfico, fazendo uso deste tipo de documentação e linguagem diariamente.

São justamente estes registros fotográficos, produzidos pelos alunos do EJA, que se tornam um grande instrumento pedagógico na construção de sua autonomia. O aluno já

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, Pós Graduado em Educação de Jovens e Adultos pela Escola Superior Aberta - ESAB e Pós graduando em Fotografia pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI.

traz consigo uma rica bagagem histórica, registrada através da fotografia, que pode muito bem ser utilizada em sala de aula, auxiliando o processo de educação.

Tratando-se de educação no Brasil, e em particular a da EJA, a escola tem como uma de suas missões alfabetizar e despertar o gosto pela leitura. Entretanto, segundo Freire (2001, p.11), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Assim, linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

Ao trabalhar com a educação popular e comunitária, principalmente voltada para jovens e adultos que não se encaixam no grupo de alunos em idade regular para a conclusão do ensino, Freire acreditava ser a educação um fenômeno social capaz de mudar a realidade um país. Desenvolveu um método de alfabetização em que o participante fosse capaz de aprender a ler e escrever em trinta horas, e dessa forma surgiu o “Método Paulo Freire de Alfabetização.” (FREIRE, 1996, p. 46).

Tal concepção de educação pauta-se no potencial humano para a criatividade e a liberdade no interior de estruturas políticas, econômicas e culturais opressoras. Elas se voltam para descoberta e a implementação de alternativas libertadoras na interação e transformação social através do processo de conscientização. Conscientização essa que se define como o processo no qual as pessoas atingem uma profunda compreensão, tanto da realidade sociocultural que rodeia suas vidas, quanto de sua capacidade para transformá-la.

Seu método, segundo Ferrari (2008), não foca somente o aprendizado de forma rápida e acessível, mas compete ao aluno “ler o mundo”, em sua mais famosa expressão.

Um dos objetivos do método é aprender a Ler a realidade, de uma maneira que o faça conhecê-la, para logo em seguida poder reescrever essa realidade, ou seja, transformá-la. A educação seria o caminho para os desfavorecidos transformarem a realidade, como sujeitos da própria história, alcançando, assim, sua autonomia.

De maneira resumida, o método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário do aluno, ou seja, as palavras geradoras. O processo proposto por Freire inicia-se através de conversas com os educandos. A partir deste processo, o educador observa os vocábulos utilizados pelos alunos e pela sua comunidade, baseando-se em algumas palavras para as futuras lições. No processo de silabação, as palavras geradoras são trabalhadas de modo que o grupo passe a formar novas palavras através das famílias silábicas já conhecidas no processo anterior.

Todas as etapas acima são necessárias para chegar ao ponto de conscientização em que são discutidos diversos temas surgidos a partir das palavras geradoras. Para Freire (2005, p.112):

Neste sentido é que a investigação do tema gerador, que encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere e começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem o mundo.

Deixa claro, dessa forma, que o objetivo da alfabetização de adultos, além de promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, é despertar a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social.

Paulo Freire (2003) expressa o significado de ensinar, pois para ele ensinar é todo um processo de troca entre aluno e professor, em que os dois aprendem, possuem e sanam dúvidas, crescem como seres humanos.

É com este pressuposto de que o professor deve estar sempre em constante formação, procurando sempre novas formas de educar, levando o seu aluno a uma consciência de ser transformador de sua realidade e interagindo com seu contexto social que o presente trabalho apresenta a necessidade de se conhecer um pouco sobre a antropologia, a antropologia visual e o uso das imagens como forma de conhecer esta realidade social.

Percebe-se então, que se pode utilizar a fotografia na educação. Ela se torna de grande valia, tanto para o professor quanto para o aluno, quando há uma relação dialógica e dialética entre ambos, no sentimento de aceitação do outro, da interação e da intersubjetividade.

Esta construção encaixa-se na valorização da cultura do aluno, tornando-se assim a chave para o processo de conscientização. É nessa fase que o professor-antropólogo e o aluno atingem uma compreensão tanto da realidade sociocultural que rodeia suas vidas quanto na capacidade de transformação.

Relatando ao fracasso da educação, ele associa-se principalmente às técnicas de ensino ultrapassadas e sem alguma ligação com o contexto social, econômico e cultural do aluno, privilegiando o papel da escola como aparelho ideológico do Estado, reproduzindo na educação a sociedade capitalista e neoliberal. Por isso, o presente trabalho trata de imagens como instrumentos tanto do professor quanto do aluno para se alcançar o conhecimento da realidade.

É através das fotografias, presentes durante toda a vida de uma pessoa a partir do século XXI, seja essa pessoa pertencente a qualquer classe socioeconômica e cultural, que o educador pode diminuir as distâncias com seu aluno. A partir de imagens do próprio cotidiano, do dia a dia do educando originam-se as palavras geradoras, estabelecidas no método Paulo Freire.

A tecnologia, a modernidade e os avanços da sociedade capitalista tornaram muito mais fácil possuir uma câmera fotográfica, ela se tornou barata e de fácil manuseio, sendo encontrada em grande número de residências e até mesmo já se enquadrando como objeto pessoal em variadas classes sociais e independente da idade do usuário.

Este avanço tecnológico e a constante utilização da fotografia e da imagem no dia a dia das pessoas acabaram por banalizar esta forma de linguagem, sendo ela utilizada muito em prol da economia.

Segundo Flusser (2002), hoje em dia as pessoas estão tão acostumadas com as imagens que já não questionam seu valor e nem param para realmente prestar atenção no que aquela imagem quer dizer. Salienta ainda que a imagem acabou por alienar a população do que realmente acontece ao apresentar, sem parar, imagens que para a massa não tem significado.

No que concerne à fotografia, Júnior (1994) afirma que o processo fotográfico transforma em cena o que é vivido. A fotografia é capaz de retratar eficazmente a realidade de um momento, tornando as lembranças registradas através dessas representações.

As representações remetem a representações, duplicando-se até multiplicarem-se infinitamente. E, enfim, o prestígio da imagem surge do fato que se substitui a experiência por representações. Essas reações perante a imagem demonstram todo o manancial de significados que elas carregam para um possível leitor. Mais do que mágica ou misticismo, a imagem é permeada de sentidos que falam à vivência do espectador, reelaborando e permitindo o afloramento de fragmentos de experiências.

Esta proximidade tão singular que nos proporciona um registro visual pode trazer à tona uma realidade complexa, fazendo emergir também experiências e participações muito difíceis de serem expressas somente através de palavras. A imagem pode funcionar não como uma representação nua e crua da realidade, mas pode ser um caminho para se chegar a uma realidade invisível que se esconde por trás da aparência sensível.

É justamente esta realidade e este olhar que trata a antropologia visual ao utilizar de dispositivos técnicos como a fotografia para estudar a realidade sociocultural de um

determinado núcleo. Tal abordagem antropológica pode ter um efeito oriundo tanto do espectador quanto do “produtor” destas imagens.

No que concerne à fotografia e ao EJA, torna-se interessante o educador possuir conhecimentos sobre o ramo da antropologia que se preocupa com as representações visuais, como a antropologia visual. Para isso, o educador deve conhecer o próprio meio do educando, pois é através das realidades destes jovens e adultos que haverá uma educação de qualidade. Assim, diminuindo a distância entre as realidades, haverá a motivação necessária à aprendizagem, despertando o interesse, dando margens às buscas de conhecimentos. O educador do EJA tem que ser um observador do outro e de si mesmo, da mesma forma que o antropólogo, que segundo Andrade (2005, p.55):

[...] tem que ser um observador participante (Malinovski), que além da coleta minuciosa de dados e da compilação de documentos, olha cautelosa e diretamente para os instantes. Olha cada comportamento na rotina de trabalho, detalhes como o cuidado com o corpo, a maneira de preparar comida, o tom de conversa, a vida social em volta do fogo, hostilidades e simpatias entre eles... Observa apurando todos os sentidos, observa ouvindo. É um participante em todos os sentidos.

Esta convivência que existe entre observador e o objeto observado pode despertar momentos fundamentais e de grande apoio nas pesquisas. Do mesmo jeito, a maneira de olhar na fotografia pode nos fornecer uma visão ampliada das coisas. Assim, tanto a antropologia como a fotografia se alimentaram da mesma fonte: a observação. Não só o educador irá atuar como um antropólogo, mas também irá refinar o seu olhar, para melhor compreender a linguagem estabelecida por seus alunos na captação das imagens.

Na realidade, a fotografia auxilia a aprofundar a análise antropológica, quando bem feita esteticamente, podendo assim facilitar a interpretação e análise de alguns significados do objeto estudado, contribuindo, assim, no processo educacional.

A antropologia, segundo Corrêa (2001), em poucas palavras, é a ciência que estuda as culturas humanas. Tendo como foco principal as sociedades humanas, tenta, através de métodos investigativos próprios, desvendar as origens, o desenvolvimento e as semelhanças entre as diversas sociedades.

A antropologia cultural, segundo Corrêa :

[...] está preocupada com o desenvolvimento das sociedades no mundo. Ela investiga os comportamentos dos grupos humanos, a origem da religião, seus costumes, suas convenções sociais, o desenvolvimento técnico e também o relacionamento familiar. (CORRÊA, 2001, em: <http://www.antropologia.com.br/colu/colu10.html> )

Um dos campos mais estudados e importantes desta área da antropologia é a lingüística, estudando a história e a estrutura da linguagem. É uma área que possui certa atenção por parte dos antropólogos, pois é nela que eles se apoiam para observar os sistemas de comunicação e apreender a visão do mundo das pessoas. É justamente neste ponto que este trabalho leva em consideração a linguagem fotográfica, ou seja, a fotografia como uma forma de expressão individual ou de certo grupo social. Sendo a fotografia uma linguagem muito utilizada hoje em dia, devido ao fácil acesso e utilizada por todas as camadas da sociedade moderna, ela se torna um grande referencial aos educadores da EJA na compreensão da visão de mundo de seus alunos, auxiliados pelos conhecimentos da antropologia. Além disso, é através da antropologia que é possível coletar histórias orais do grupo estudado, histórias estas instituída nas sociedades através de poesia, canções, mitos, lendas populares e muitos outros tipos de manifestação socioculturais, afirma Corrêa (2001).

Em se tratando de um trabalho que utiliza a fotografia na Educação de Jovens e Adultos com o auxílio da antropologia, destaca-se um dos ramos da antropologia cultural que, de maneira específica, tem um foco nos estudos e produção de imagens, nas áreas da fotografia, cinema e tudo relacionado às representações visuais.

Para Parés (2000/2001) a antropologia visual é compreendida como aquela área da antropologia sociocultural que se utiliza de suportes imagéticos, para, assim, descrever e analisar uma cultura ou um aspecto de uma cultura em particular.

Ela se torna importante neste estudo, pois, ainda segundo Parés (2000/2001, em <http://www.antropologia.com.br/colu/colu3.html>):

[...] desenvolve um trabalho teórico e reflexivo, que consiste em analisar as propriedades dos sistemas visuais e suas estratégias discursivas, assim como as condições da sua interpretação, relacionando esses sistemas particulares com as complexidades dos processos políticos e sociais dos quais são parte.

Qualquer registro visual traz sempre subentendido certo grau de interpretação do fato que foi representado, pois ele é um recorte subjetivo dessa realidade. Assim, as imagens podem funcionar não como representações fiéis da realidade fenomenológica, mas como um caminho, uma janela aberta para aceder à realidade invisível que se oculta por trás da aparência sensível (PARÉS, 2000/2001).

Através de todo este conhecimento no campo visual é que a antropologia visual pode auxiliar na compreensão da realidade dos educando da EJA, tanto por parte dos educadores, quanto pelos próprios alunos, a fim de se chegar ao objetivo das propostas pedagógicas de Paulo Freire.

Segundo Andrade (2005), a autora de “Fotografia e antropologia: olhar fora-dentro” afirma que a fotografia, como um meio de expressão, pode fornecer uma visão ampliada das coisas alheias.

Para Lévi-Strauss (apud ANDRADE, 2005, p.26), o ato de “[...] perceber o mundo imediato, sintético é um pensar selvagem, não domesticado”. Assim sendo, o etnólogo, o antropólogo, ou um fotógrafo têm de possuir este olhar selvagem, utilizando-se dos sentidos para mergulhar sem cerimônia nem medo na história e na vida de sua presa, ou melhor, do seu objeto.

Desse modo, é necessário entrar em contato com seus hábitos, seu jeito, sua linguagem, e decifrar seus símbolos, os quais se misturam aos nossos e que por isso, deverão ser codificado. Ainda refletindo sobre as palavras do antropólogo Lévi-Strauss, Andrade (2005, p.27) afirma:

Não é preciso ser selvagem para pensar selvagem. Necessita-se de um olhar único e singular, um processo solitário na tentativa de se redescobrir no outro e o outro em si mesmo – uma permissão ao inconsciente, ao imaginário e à Loucura.

Por isso a importância da fotografia, pois a fotografia é apenas uma imitação, uma reprodução, registra paisagens e acontecimentos, sem chegar ao que eles realmente são. E assim como a antropologia, a fotografia tem um observador participante que se aprofunda nos detalhes e procura com seu olhar o alvo e o objeto de suas lentes e de sua interpretação.

Será de grande valia o conhecimento da antropologia visual quando o educando, no papel de etnógrafo, mesmo sem o conhecimento de estar realizando esta função - conhecimento esse só percebido e compreendido pelo educador - apresentar imagens que auxiliarão o próprio aluno na compreensão do mundo. Auxiliará também o professor, como intermediador do processo de ensino, a compreender o seu papel na prática educativa e da realidade do educando.

Segundo Samain (apud BIANCO & LEITE,1998), os recursos visuais são um importante instrumento de conhecimento. A linguagem visual é capaz de abrir uma gama de possibilidades na captação de conhecimentos, seja através da percepção, da simbolização e da comunicação visual.

O dispositivo fotográfico passa a ter um papel essencial, quando o que não é visível, então passa a ser através dos olhos dos próprios agentes, atores e espectadores que aprendem e ao mesmo tempo são estudados.

Aumont (2002) denomina o sujeito que utiliza do olho para olhar uma imagem, de espectador. Para ele, ao olhar uma imagem, o sujeito envolve uma série de fatores como a capacidade perceptiva, o saber, os afetos e as crenças que de certa maneira envolvem várias características relevantes como: uma classe social, uma época, ou então uma cultura.

Tais noções encaixam-se perfeitamente na proposta pedagógica de Paulo Freire (2003), que enfatiza a importância da construção da autonomia dos educandos, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos empíricos junto a sua individualidade. Essa construção da autonomia dos educandos possibilita também a não banalização da imagem, já dita por Flusser (2002), quando aponta o não questionamento destas imagens devido o uso exagerado no mundo moderno.

A imagem fotográfica surge da observação de uma realidade que está contida em uma estrutura cultural, ela se encontra cheia de significados, de fragmentos que deverão ser moldados em um relato único e revelador.

Fazendo uma ponte com a Educação de Jovens e Adultos e assim com as propostas pedagógicas de Paulo Freire e também o seu método, pode-se, através da observação de fotografias documentais destes alunos, retirar de tais imagens palavras geradoras que vão servir de base para a alfabetização do educando, auxiliando, também, no processo de formação da consciência da realidade.

A imagem resgatada pelo fotógrafo significa para o antropólogo não só a estética que a compõe, mas a história, a cultura, o que vai contra, em parte, à intenção de seu autor, afirma Andrade (2005). Os indivíduos passaram a ver somente o que precisam ver, não se tornaram bons observadores, e o uso da máquina fotográfica pode auxiliar sua percepção. Na antropologia, o ato de fotografar pode apresentar uma visão global e uma observação detalhada.

O antropólogo, na visão de Laplatine (apud ANDRADE, 2005, p.54), “é um observador integrante do objeto de estudo”. Ele não é somente alguém que observa seu objeto, mas um sujeito observando outros sujeitos, portanto, uma pessoa narrando sobre outras pessoas.

É justamente este o desafio do antropólogo, ser um observador participante e integrante do campo de pesquisa. E esse também é o papel do educador da EJA que utiliza a fotografia em suas práticas pedagógicas, agir como um antropólogo, ser um observador participante e integrante do seu grupo.

Um dos grandes desafios dos trabalhadores da educação neste século é de se atualizar sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas

mais favoráveis à construção da autonomia do aluno, tornando-o capaz de ser dono de suas próprias escolhas e decisões. A utilização da fotografia, como linguagem, como manifestação e até como documento, aparece nesse momento como um espelho da realidade, vindo à tona no processo de compreensão do real.

O educador em sua prática deve estimular o seu aluno a procurar respostas, construindo assim sua autonomia. Autonomia tanto de professores como a dos alunos que se desenvolve na prática educativa, não só através da transmissão de saberes, mas dando significados em um processo de construção e redescobrimto do conhecimento, assim, aprendendo, conseqüentemente, ensinando, intervindo e conhecendo.

Desse modo, pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma muito sintética, mas objetiva e estruturante, a discussão em torno da utilização da fotografia como auxílio no método pedagógico de alfabetização desenvolvido por Paulo Freire. Trouxe à tona um embasamento teórico para futuras pesquisas em torno do tema, contribuindo, assim, para tal reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. Fotografia e antropologia: olhares dentro-fora. 2º ed. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2005.

AUMONT, Jacques. A Imagem. São Paulo: Editora Papirus, 2002.

BIANCO, Bela F. & LEITE, Miriam L. M. Desafios da Imagem. Campinas: Papirus, 1998.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. "O que você gostaria de saber sobre a Antropologia. O que é Antropologia? O que fazem os antropólogos?". Coluna. Edição: nº10. 2001. Disponível em: < <http://www.antropologia.com.br/colu/colu10.html> >. Acesso em: 11 de outubro de 2008.

FERRARI, Marcio. REALISMO - PAULO FREIRE: O mentor da educação para a consciência. Nova Escola. Edição esp. 022. 2008. Disponível em : < [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/Esp\\_022/aberto/mentor-educacao-consciencia-349605.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/Esp_022/aberto/mentor-educacao-consciencia-349605.shtml) > acesso em : 11 de outubro de 2008.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Conscientização – teoria e prática da liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da Liberdade. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. Para educadores. 5. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JÚNIOR, Eduardo N. A Imagem. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1994.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975.

PARÉS, Luis Nicolau. "Algumas Considerações em torno da Antropologia Visual". Coluna. Edição: dez - jan 2000/2001. Disponível em: <  
<http://www.antropologia.com.br/colu/colu3.html> >. Acesso em: 11 de outubro de 2008.